

CADERNOS DA SERRA



Nº 13

DESTAQUES:

ATL: 65 ANOS DE HISTÓRIA
Comemoração ocorreu na casa
de cultura

ENTREVISTA COM NÉLIO PAES
DE BARROS: um homem de ação

BOLETIM DA
ACADEMIA TERESOPOLITANA DE LETRAS

SUMÁRIO

MAR/ABRIL 2026

Número:13

- 3** Editorial: ATL: 65 anos de história e o poema Pedaços de Mim, de Edinar Corradini
- 4** Saiu no Jornal: Noite de gala para comemorar os 65 anos da ATL
- 6** Entrevista: Nélio Paes de Barros: Um homem de ação!
- 10** Artigo: Da Casa de 1868 ao Lançamento de um Livro: Memória, Família e História, de Jorge Ferradeira
- 11** Artigo: A Cruz e Sousa - O Poeta do Desterro, de Sandra Pimentel
- 14** Artigo: A magia da vida: trajetória literária e artística de Rozelene Furtado, de Rozelene Furtado
- 16** Artigo: O Panteão Literário da Academia Teresopolitana de Letras: uma cartografia da formação intelectual brasileira, de Márcio Ferreira
- 18** Conto: Através da janela, de Fernanda Goucher
- 19** Artigo: O Naturalismo e Júlia Lopes de Almeida, de Paulo Paranhos
- 20** Artigo: A gente não quer só comida, de Carol Rocha
- 21** Crônica: Hotel Debret, de Flávio Telles e o poema de Graça Lopes
- 22** Notícia: Palestra no Colégio Estadual Higino da Silveira
- 23:** Notícia: Lar Tia Anastácia recebe atividade cultural

Diretoria Biênio 2024-2026

Presidente: Delmo Geraldo Ferreira
Vice-Presidente: Paulo Paranhos
1ª Secretária: Mariana Moreira Mouta
2º Secretário: Waldayr Queiroz
1º Tesoureiro: José Luis Simões Coelho
2º Tesoureiro: Paulo José
Diretora Cultural: Maria Helena da Fonseca Costa
Diretora de Eventos Externos: Cláudia Coelho
Diretora de Relações Públicas: Carol Rocha
Diretora Bibliotecária: Rozelene Furtado
Diretora de Sede: Renata Marlene de Castro Mello
Conselho Fiscal (Efetivos):
Antônio Carlos Sequeira Fernandes
Daniel Hernandez
Luiza Brault
Israel Sartini
Sandra Pimentel

CADERNOS DA SERRA - CONSELHO EDITORIAL

Supervisão: Delmo G. Ferreira
Presidente: Ronaldo Fialho
Revisão: Paulo Paranhos e Norma de Siqueira Freitas
Design: Carol Rocha
Secretária: Moema Tavares
Editora: Carol Rocha
Redação: Rozelene Furtado e Renata Castro
Colaboradores: Acadêmicos, Acadêmicas e convidados

Contatos

 **Instagram:** @atlmidias
 **E-mail:** atlmidias@gmail.com
 **Facebook:** atletras
 **Site:**
<https://www.atlteresopolitanadeletras.com>
 Sede: Travessa Portugal,
nº 65, sala 502, Teresópolis,
RJ

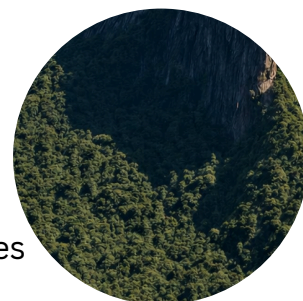
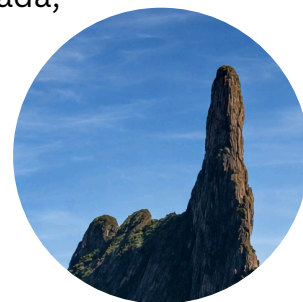
ATL: 65 anos de história

Abrimos esta edição da revista **Cadernos da Serra** celebrando um marco especial na história da Academia Teresopolitana de Letras: seus 65 anos! Uma trajetória dedicada à literatura, à cultura e à preservação da memória teresopolitana. Fundada em 21 de abril, data em que se homenageia Tiradentes, a instituição carrega, ao longo de sua caminhada, valores como resistência, permanência e compromisso com a língua portuguesa.

Idealizada em 1960 pelo Dr. Arthur Dalmasso e pelo artista plástico Fernando Martins, a Academia nasceu do desejo de criar, em Teresópolis, uma casa voltada à valorização das letras e da cultura. Desde sua instalação oficial, em 1961, a ATL consolidou-se como importante referência cultural, reunindo escritores, jornalistas, professores, médicos e personalidades que ajudaram a fortalecer a produção intelectual.

Ao longo de seis décadas e meia, fundadores, acadêmicos e colaboradores ajudaram a construir e perpetuar um espaço de encontro, expressão e preservação cultural. Entre as realizações da Academia, destacam-se concursos literários, homenagens, publicações e o lançamento da própria revista **Cadernos da Serra**, em 1976 - e seu retorno, em 2025.

Por tudo isso e muito mais: Parabéns, ATL! Você é uma Academia viva!



Pedaços de Mim

Edinar Corradini*

São fatias de Céu
De terra molhada
Entre a terra e o mar
São crianças brincando
Sorriso esbanjando
Doçuras no ar
São suspiros roubados
Quiçá esquecidos
Do lado de cá
Pedaços de sonhos
Nas folhas do livro
Nas lágrimas perdidas
Da história que li
Daquelas que vivi
Com a força do âmago
Com linhas de encantos
Bordando teu nome

Que não esqueci
Pedaços de Mim
Histórias sem fim
De tudo que vi
Regando meu sangue
Com gosto salgado
Do desencanto
Do vaso quebrado
Pedaços de Mim
Chorando acordada
Buscando um jasmim
Para cobrir num abraço
O perfume de ti
Ficou aqui bem gravado
Nos meus “mins” em
Pedaços.



* Edinar Corradini é titular da cadeira nº 28, patronímica Monteiro Lobato.

Noite de gala para comemorar os 65 anos da ATL

Festa na Casa de Cultura teve entrega de homenagens e prêmios, palestras e emoções diversas.



Criada em abril de 1961, foi comemorado no último sábado, 18, na Casa de Cultura Adolpho Bloch, o aniversário da Academia Teresopolitana de Letras, que completou 65 anos.

A cerimônia foi dirigida pelo acadêmico José Luis Simões Coelho, que lembrou a relevância da cultura como pilar fundamental da sociedade. A mesa para a solenidade foi composta pelo presidente Delmo Ferreira; Paulo Paranhos, vice-presidente; Wanderley Peres, secretário municipal de Cultura e membro da Academia; Mariana Mouta, primeira secretária; Márcia Pessanha, presidente da Academia Fluminense de Letras; e Matilde Carone Slaib Conti, presidente do Elos Clube Internacional.

Os acadêmicos Gabriel Lopes e Rozelene Furtado foram os palestrantes da noite, enaltecendo a ATL e o patrono Tiradentes. Foram entregues a Comenda Arthur Dalmaso à Professora Cristina Kenupp, reconhecida nacionalmente com o

prêmio “Educador Transformador” e destacada por seu trabalho na promoção da acessibilidade para pessoas com deficiência visual, e o Troféu Tiradentes ao Colégio Estadual Higino da Silveira, que completou 100 anos em fevereiro passado.

Na ocasião, foram homenageados os acadêmicos que estão há mais tempo na ATL:

- 43 ANOS: Ruyz Athayde e Índio Brasileiro Rocha;
- 41 ANOS: Sandra Pimentel;
- 35 ANOS: Paulo Paranhos;
- 31 ANOS: Delmo Geraldo Ferreira;
- 27 ANOS: Maria Helena da F. Costa;
- 26 ANOS: Jorge Ferradeira.

Ex-secretária de Cultura, a poetisa Sandra Pimentel relembrou grandes nomes da poesia que passaram pela ATL; e agradecendo a homenagem à Maria Helena, Carol Rocha destacou a influência da madrinha em sua formação acadêmica.

O advogado Ruyz Filho recebeu a homenagem do acadêmico Índio e seu

filho Pedro, de 12 anos, com emocionante discurso, agradeceu a homenagem ao avô – os decanos acadêmicos ausentes por conta de outro compromisso.

Ao receber a sua homenagem, o presidente Delmo Ferreira compartilhou reflexões sobre sua longa trajetória na Academia e fez um apelo à paz em um cenário mundial marcado por conflitos.

Antes da celebração final, coquetel oferecido aos presentes, acompanhado de música ao vivo com o Violonista Rogério Barros e a participação musical de diversos acadêmicos, o presidente Delmo Ferreira e o secretário Wanderley inauguraram os painéis na sala da ATL, galeria dos presidentes e panteão com as biografias dos 40 membros do sodalício.

MANUEL BANDEIRA

Aniversariante em 19 de abril, nascido em 1886, o acadêmico Manuel Bandeira foi lembrado. Eleito para a ATL, não tomou posse por motivo de doença que o levou à morte, em 1968. O poeta ocuparia a Cadeira 4, de Álvaro Reis, desde então seu patrono. Também foi anunciado, pelo secretário de Cultura Wanderley Peres, o decreto de tombamento da residência que o poeta teve na rua Antonio Santiago, 240, ainda de pé. O imóvel receberá placa informativa como sítio histórico da literatura brasileira.

“Chegando aqui com menos de 20 anos de idade, em 1906, Manuel Bandeira produziu a metade da sua monumental obra em Teresópolis”, observou o acadêmico, ocupante da cadeira 31, patronímica de outro grande poeta que foi morador da cidade, Olegário Mariano.

Lembrando que a Casa de Cultura Adolpho Bloch foi construída a pedido da ATL, o secretário Wanderley convidou a diretora da Casa para declamar “Desencanto”, publicado no livro “Cinza das Horas”, e que Manuel Bandeira escreveu em Teresópolis no ano de 1912. “Fecha o meu livro, se por agora não tens motivo nenhum de pranto. Eu faço versos como quem chora, de desalento, de desencanto”.

* Fonte: Diário de Teresópolis, 19/04/2026



Desencanto

Manuel Bandeira

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente.,
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.
— Eu faço versos como quem morre.

NÉLIO PAES DE BARROS: UM HOMEM EM AÇÃO

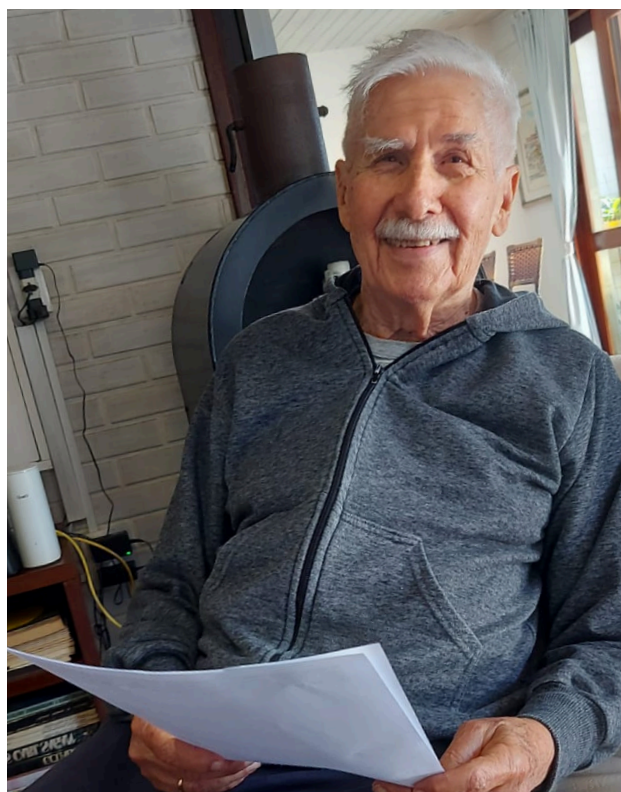
Por Delmo Ferreira*

Entrevistar Nélio Paes de Barros foi uma tarefa fácil: a conversa fluiu mansa, escorrida em tempos de lembranças e franqueza. Consultor de renome internacional, escritor, cronista, autor de um sem-número de artigos publicados em revistas especializadas, Nélio é daquelas pessoas que ficam à vontade (e deixam você à vontade) para falar de qualquer coisa. Uma tarde memorável, entre tantas conversas que tivemos e vivenciamos juntos. Divirtam-se!

D – Nélio, fale um pouco de sua infância, de sua vida pessoal e familiar.

N – Nasci em Cuiabá, Mato Grosso, em 1934, quando essa capital ainda era isolada do resto do país. Era o chamado “Brasil profundo”, e a única comunicação era através da linha dos correios e telégrafos estabelecida pelo Marechal Rondon, ainda bastante precária e falhando frequentemente. Os poucos rádios receptores captavam as rádios Belgrado de Buenos Aires ou a BBC de Londres, pois a Rádio Nacional chegou para aquele rincão na década seguinte. Existia também um serviço fluvial de vapor, semelhante às barcas que cruzam a Baía de Guanabara entre o Rio e Niterói, e que ligavam Cuiabá a Corumbá com frequência duvidosa, pois o trajeto rio acima ficava impedido pela correnteza provocada por enchentes. Carros particulares eram raríssimos, e poucos “carros de praça” atendiam a população.

Transporte público não existia, e a rua era como que uma extensão do quintal de casa, onde se praticavam esportes, famílias se reuniam nas calçadas, e até para ajustes políticos ou as fofocas comuns, preferencialmente à noite devido ao calor abrasador da região.



D – Como foi sua infância?

N – Estudei em colégios públicos, além das aulas caseiras, tendo por orientador uma publicação famosa da época, “Tesouros da Juventude”. Por ser filho caçula e temporão, tive uma infância solitária, tendo por companhia uma fiel cadela, Lady, verdadeiro anjo da guarda em minhas aventuras com a criação doméstica de aves, além de proteção contra cobras, escorpiões e muitos animais peçonhentos, de vez que nossa casa tinha uma área enorme.

D – E a juventude?

N – Acordei para a juventude com o retorno de um irmão, quinze anos mais velho, Francisco, que era como que um herói para mim, pois trouxe de São Paulo para Cuiabá um avião teco-teco em voo sem escalas, sem nenhum instrumento de navegação, orientado somente pela bússola e pelo instinto de bandeirante. Ele criou na capital de Mato

Grosso o “Aeroclube do Brasil”, inspirado pela iminência da guerra e a necessidade de formar pilotos brasileiros. Isso me fez amadurecer rapidamente, pois ia com ele para o campo de aviação para acompanhar todas as tardes o treinamento dos futuros aviadores, e no último voo, que avisava o transporte terrestre para nos levar de retorno a casa meu irmão me levava.

A ida e o retorno eram feitos em um caminhão, e na caçamba, cantando e batucando, eu me sentia parte do grupo. Com a entrada do Brasil na guerra, meu irmão apresentou-se como voluntário, e foi como tenente da Aeronáutica que se incorporou à Patrulha da Costa em Florianópolis. Após o término do conflito, tornou-se um vitorioso empresário na área de transporte aéreo.

Meu outro irmão, Ordep, foi incorporado ao Exército, mas não retornou das ações de guerra, deixando o vazio e a saudade. O terceiro na linha, Hélio, também se apresentou como voluntário à Força Aérea e fez brilhante carreira militar, sendo reformado como brigadeiro. Faziam parte do clã duas maravilhosas mulheres: Ana, que casou cedo e se dedicou ao lar, e Ione, com temperamento independente: formou-se em Direito e foi Procuradora de órgão federal, mantendo-se em celibato até o fim de seus dias.

D – E como veio para o Rio de Janeiro?

N - Em 1945 meu pai, engenheiro agrônomo, dirigia em Cuiabá uma espécie de célula que daria mais tarde origem à Embrapa, e foi transferido para o Rio para exercer funções no Ministério da Agricultura. Eu tinha onze anos e nossa primeira residência foi um hotel na Rua do Catete, um enorme casarão colonial hoje tombado pelo IPHAN. Logo na chegada, eu vi um grupo de rapazes cantando em roda e tive a ousadia de

querer participar. Levei um rabo de arraia e caí estatelado nos paralelepípedos! “Bem-vindo ao Rio”: era uma roda de malandros jogando capoeira...

Logo meu pai alugou um apartamento na Rua Silveira Martins e fui matriculado no Atheneu São Luiz, na mesma rua, onde cursei ginásial e científico. Época diferenciada na minha vida, época gostosa em que aprendi a viver como carioca e ser um. Lembranças agradáveis dos companheiros que, devido à minha vida longa, não mais me acompanham: Armando, Leda, Renê, Gilmar, Gilda e Charles são lembranças envoltas na poeira do passado.

Lembro bem da rigidez do fiscal Jayme, atento às nossas estripulias; do professor Ely, que se apaixonou e casou com uma colega causando um suspense nos alunos; a figura respeitosa do diretor Professor Roberto, cujo duro semblante escondia um personagem emotivo e sensível, pois, tendo sido eu orador da turma do científico, após minha fala, ele, em lágrimas, confessou seu desejo de que não partíssemos. Mas assim é a vida, e lembranças – doces ou amargas – também se dissipam, como a euforia das matinês de domingo no cinema São Luiz, ou a cava depressão



Nélío Paes de Barros e Delmo Ferreira

do fim do primeiro amor.

D – E a vida profissional?

N – Meu primeiro emprego foi em 1950, na Rádio Continental do Rio de Janeiro. Inicialmente como rádio-escuta, depois como redator esportivo, a seguir como narrador e comentarista de esportes amadores: nataação, remo, vela, vôlei, tênis e o que mais aparecesse. Como tinha que cobrir várias áreas do estado para noticiar os eventos, certa vez fui injustamente repreendido por um chefe: desferi-lhe sonoro bofetão e encerrei minha vida de radialista esportivo. Fui trabalhar como desenhista em escritórios de arquitetura: Adalberto Accioly e Sérgio Bernardes, mestres em conhecimentos e relações humanas. Isso me permitiu mudar e dar um novo passo em minha vida. Passei no vestibular de arquitetura na Universidade do Brasil, atual UFRJ. A vida nos surpreende, pois, depois de alguns percalços, em 1962 (sete anos depois) terminei o curso.

Nesse período fui sorteado pela maior dádiva de minha vida: minha mulher Lúcia, companheira extremada, doce amante e eterna namorada. Presenteou-me com três maravilhosos filhos, um dos quais, aos trinta e quatro anos, foi morar junto aos deuses da Arte. De mãos dadas ou abraçados já atravessamos sessenta e sete anos de amor e carinho, bem como desafios de catástrofes como a que vivemos em 1967 em Caraguatatuba, e estamos sempre em recomeços.

D – E a Petrobras?

N – Em 1963, após concurso, iniciei novos desafios já como arquiteto recém-formado. Fui designado para projetar todas as edificações do Terminal de São Sebastião, litoral de

São Paulo: prédios administrativos, almoxarifados, blocos de serviços de apoio como posto médico, casas de bombas e pequenas edificações operacionais desde o píer até o trajeto dos dutos em Cubatão. Rendo aqui homenagem a uma figura ímpar de patriota humanista e de competência: engenheiro Mario Rego Monteiro.

Com o término dessa obra enorme fui transferido para o Rio de Janeiro, no Serviço de Engenharia, e ali pude conhecer boa parte do mundo, com projetos diversos e espalhados em diversas nações. Vi civilizações milenares, outras modernas, outras arcaicas. Vivenciei o horror da guerra, as agruras da ditadura, a alegria da democracia, a doce atmosfera da paz.

D – Nessas andanças pelo mundo o que mais marcou sua experiência?

N – Conheci as ruínas de Leptis Magna na Líbia e lugares bíblicos no Iraque. Contribuímos com projetos arquitetônicos, de urbanismo e paisagismo para centros de pesquisas e desenvolvimento, centrais de manutenção de complexos petroquímicos, entre tantos, foram trabalhos meus e de minha equipe. Tive o dissabor de ver pela TV algumas dessas edificações arrasadas por bombardeios. Visitei museus com coleções de valores inestimáveis, algumas destruídas ou pilhadas. Algumas pessoas, arquitetos e engenheiros, que participaram desse trecho da história: Antônio de Pádua, Henrique Moura, Domingos Sabóia, Isaac e Silvia Feingold, Edison Chediek e Benjamin Zilbergledj, entre outros.

D – E sua atuação na área de segurança ambiental?

N – Devido a trabalhos de relatórios formulados com enfoque no impacto socioambiental que as obras de grande porte tinham nas comunidades, em 1997 fui transferido

para a área de Segurança Industrial e Meio Ambiente (na ocasião ligada diretamente à presidência da Petrobras), para atender às novas exigências legais de legislação ambiental, para que novos investimentos se adequassem aos diferentes biomas de formas diferenciadas. Entre esses destaco a proposta apresentada na Conferência Rio 92 do Plano Diretor do Setor Petróleo e Gás na Amazônia, posteriormente transformado em resolução.

Nesse mesmo ano, pedi minha aposentadoria e passei a me dedicar ao magistério superior, além de trabalhos voluntários como os que fiz junto ao Comitê Brasileiro do Programa da ONU para o meio ambiente, formando cerca de quatro mil professores com cursos e palestras sobre meio ambiente e ao longo do gasoduto Brasil-Bolívia. Enfatizo as dificuldades encontradas em uma missão junto a comunidades indígenas na área do descobrimento, visando sua sustentabilidade comprimida pelos interesses do turismo de massa e expansão urbana.

D – Você com certeza recebeu muitas homenagens e honrarias durante sua vida. Alguma especial?

N – Tive a agradável surpresa de ser lembrado pela Petrobras no 50º aniversário da empresa, quando ela prestou significativa homenagem a cinquenta funcionários que tiveram na empresa dedicação exclusiva. Ter meu nome incluído nesse seleto grupo – não posso negar – fez-me cometer o pecado do orgulho. Em outro momento marcante em minha vida ingressei na Academia pelas mãos generosas do confrade Jorge Bragança e insistência da então presidente Maria Helena da Fonseca Costa. Assumi a Cadeira 22, cujo Patrono é Agripino Grieco.



D – Suas palavras de encerramento desse maravilhoso bate-papo.

N – Tenho certeza de que a ATL será sempre uma Casa de esplendorosa irradiação de Cultura, em uma visão holística, ou seja, plena. Gratidão pela oportunidade da conversa.■

* Delmo Ferreira é Presidente da ATL, titular da cadeira nº 8, patronímica Coelho Neto.



Em março, a Academia Teresopolitana de Letras lançou seu 1º Concurso de Minicontos, atraindo escritores de diferentes regiões do país, marcando o sucesso da iniciativa em sua primeira edição.

Os textos vencedores já foram selecionados e a equipe trabalha agora na organização da coletânea. Em breve, divulgaremos os vencedores e mais informações sobre a publicação. 📖 ✨



Da Casa de 1868 ao Lançamento de um Livro: Memória, Família e História

Jorge Ferradeira*

No próximo dia 20 de junho, das 17 às 21 horas, terei a alegria – e também a emoção – de lançar, na Casa de Portugal de Teresópolis, o livro de minha autoria *Da África do oriente de Algarve até Botafogo*.

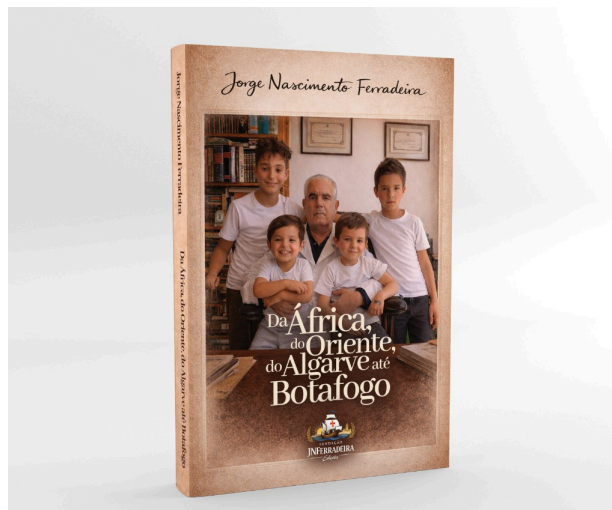
Trata-se de uma obra que não é apenas um registro genealógico, mas uma travessia no tempo. Nela, relato a saga de minha família, que percorreu caminhos largos da história – do Oriente à África, passando por Angola e pelo Algarve – até se estabelecer no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro.

Mas este livro, na verdade, começou a ser escrito muito antes de eu tomar a pena.

Nasci e vivi por dezoito anos em uma casa construída em 1868, na Rua Assunção, em Botafogo. Não era apenas uma residência – era um documento histórico em pedra, ferro e memória. Uma casa de dois andares, sólida, imponente, erguida por um antepassado, que trazia na fachada a inscrição do ano de sua construção, como um marco silencioso do tempo.

Ali, cada detalhe falava.

Havia duas amplas cozinhas – uma no primeiro andar, outra no segundo –, além de banheiros destinados exclusivamente ao banho, separados dos sanitários, revelando hábitos de uma época que ainda guardava traços coloniais. No andar superior, outro banheiro completava a estrutura. Uma escada em caracol, de pedra, com corrimão de ferro fundido, ligava os pavimentos, como se conduzisse não apenas os moradores, mas também a história que ali se acumulava.



Entretanto, o que mais me marcava era o paredão com argolas de ferro – testemunhos materiais de um passado duro, onde escravizados eram acorrentados. Aquela presença silenciosa, quase incômoda, talvez tenha sido uma das raízes mais profundas do meu vínculo com a história do Brasil.

Crescer naquela casa foi, de certa forma, viver dentro da própria história.

No bairro de Botafogo, ainda tive contato com resquícios da aristocracia arruinada do Segundo Reinado. Recordo-me de frequentar velórios onde havia carpideiras – mulheres contratadas para chorar os mortos, numa tradição que hoje soa distante, quase incompreensível.

Recentemente, ao perguntar no programa Altos Papos se alguém sabia o que era uma carpideira, deparei-me com o silêncio. Ninguém sabia. E naquele instante compreendi, mais uma vez, como o tempo apaga práticas, costumes e memórias que um dia foram comuns.

Talvez por isso escrever tenha se tornado,

para mim, uma necessidade. Registrar, preservar, transmitir.

Confesso que carrego um pequeno arrependimento: não ter guardado a chave daquela casa. Era enorme, pesada, de bronze – uma peça que, por si só, já era um símbolo. Mais do que abrir portas, ela representava o acesso a um mundo que hoje só existe na lembrança.

O livro que ora lanço é, portanto, mais do que uma narrativa familiar. É um

reencontro. É a tentativa de costurar tempos distintos, ligando continentes, trajetórias e experiências que, ao final, convergem para um ponto comum: a construção de uma identidade.

E talvez tudo tenha começado ali – naquela casa de 1868 – onde aprendi, ainda menino, que a história não está apenas nos livros, mas nas paredes, nos objetos, nas ausências... e, sobretudo, na memória.■

* Jorge Ferradeira é titular da cadeira nº 24, patronímica Joaquim Nabuco.



A Cruz e Sousa - O Poeta do Desterro

Sandra Pimentel*

Longe, longe da contingência que me cerca,
E d'outro lado do desvão que me arrasta,
Tateia minh'alma a ver-te em outra esfera...
Que teus versos me libertem das amarras!

Ó Cisne Negro, a singrar em mares, brumas,
em ebúrnea torre de corações ardentes,
abre-me as asas às sensações tão tuas
e em teus versos, juro, quedar-me-ei silente.

Tu és..., és o clamor da Dor dilacerante...
Feito Ugolino e esfaimada prole,
Laocoonte em víboras sufocantes.
Um Dante em negro, fadado a mortas vozes.

Vês? À luz das estrelas é o Amor anunciado!
Em vastos mares com asas de albatrozes,
Em versos de luminescências salpicados,
Ó bela Flor do Lácio, é tua a Glória! Colhe!



Ao revisitar este poeta, que figura no panteão universal da poesia simbolista, sente-se um misto de admiração e de comiseração. Admiração pela grandeza incontestável do seu fazer poético. Comiseração por ter sido vítima da hipocrisia, intolerância e preconceito de

uma elite brasileira, cujos nefastos comportamentos devastaram, e muito, a existência física e a literária deste magistral escritor. Pela beleza, sensibilidade e sutileza de seus versos, pela sua cor de pele e pelo local de sua origem, Cruz e

Sousa é cognominado “O Cisne Negro”, “O Poeta do Desterro”.

João da Cruz e Sousa nasce na cidade de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, em 24 de novembro de 1861. Filho de escravos alforriados, seu sobrenome Sousa é adotado dos patrões, o oficial marechal Guilherme Xavier de Sousa e sua esposa Dona Clara Angélica Fagundes de Sousa, que o conduziram ao caminho das letras e o cumularam de proteção e de excelentes tratos. Andrade Murici, no artigo O Cisne Negro Cruz e Sousa, escreve: “(...) o menino foi criado como menino rico e, assim, mal preparado para a vida, quando seus protetores desaparecem”. Em 1870, morre o marechal, mas a criança, que vinha sendo educada por professores particulares, agora será matriculada por Dona Clara no excelente colégio Ateneu Catarinense, onde, além da língua pátria, aprende francês, inglês, latim, grego, matemática e ciências naturais. Cedo, o jovem passou a ministrar aulas, particulares, a candidatos ao magistério.

Aos 20 anos, por conta própria, inicia a caminhada para alicerçar-se escritor. Mesmo mal remunerado, escreve em jornais e folhas semanais, atividade, não raro, interrompida por preconceituosos costumes sociais. Entre as muitas dificuldades, em 1885, lança, com Virgílio Várzea, Tropos e Fantasias. Parecia que tudo caminharia bem, pois este amigo, de família influente, apresentava-se, como um “escudo branco”, em defesa do escritor negro.

Em O Moleque, publica artigos de cunho abolicionista que, quase sempre, não foram bem recebidos pelos leitores, fato que contribuiu para o encerramento do periódico, em 1885, em cuja derradeira edição lia-se:

“A escravatura é um mal para o indivíduo que a sofre e para o Estado onde a ela se admite”. O racismo velado batia-lhe à face e, em uma carta a Virgílio Várzea, assim se expressa: “(...) um triste negro odiado pelas castas, (...) escorraçado de todo o leito, cuspidor de todo o lar como um leproso sinistro”.

Muda-se para o Rio, cujo meio literário não lhe abre as portas e, inclusive, Artur Azevedo, no Diário de Notícias do Rio, tece-lhe pejorativa crítica. Sentindo-se alijado, sem recursos para alojamento, vestuário, nutrição, retorna a Santa Catarina e passa a escrever em O Mercantil de São Paulo, na coluna “Parnaso”. O sonho de firmar-se como escritor o reconduziu ao Rio de Janeiro, onde se aloja em um modestíssimo quarto de uma “casa de cômodos”. Colabora, por pouco tempo, no jornal Cidade do Rio do abolicionista José do Patrocínio. Instável nos empregos, não se consolida na imprensa, ora por sua negritude, ora pela rejeição às suas ideias, ou pelas características simbolistas de seus textos – enquanto o parnasianismo, de Olavo Bilac, de Raimundo Correia e de Alberto de Oliveira, usufruía de plena aceitação pelo público leitor.

Mas Cruz e Sousa persistia no fazer poético simbolista e, em 1893, publica Missal, em prosa lírica, e Broquéis, livro de poesia que marca o início do Simbolismo no Brasil. Todo o restante de sua obra só conseguiu ir à lume postumamente, o que comprova as reais dificuldades às quais o excepcional poeta foi submetido.

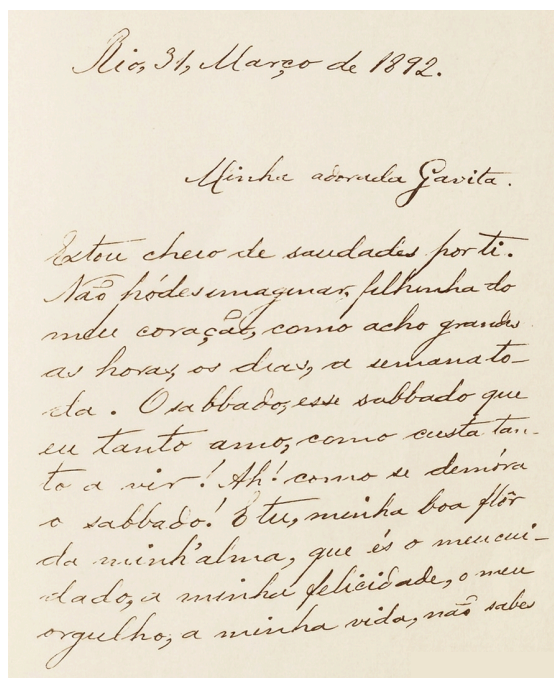
Em 1892, conhece uma jovem negra que será o amor de sua vida: Gavita. E Cruz e Sousa apaixona-se por sua “Vivi” e, por ela, é correspondido. De emocionar são

as cartas a ela endereçadas! O poeta se sente amado e, apesar da escassez pecuniária, dá asas ao sonho e aos projetos de uma vida juntos. Em 1893, realiza-se o enlace matrimonial. Nasceram-lhes dois filhos e o Poeta do Desterro submete-se a ser arquivista da Estrada de Ferro Central do Brasil, posto infinitamente aquém de sua capacitação, com modesta remuneração, mas, na penúria, confere-lhe um arremedo de estabilidade. O casal aluga uma casa no Encantado, subúrbio do Rio.

Quando a precariedade financeira já comprometia a sobrevivência alimentar da família, advém um dramático acontecimento: Gavita é acometida por uma crise de loucura, obrigando-a a internar-se, por seis meses, em um hospício. A situação se agrava e o poeta vive momentos de desolação e angústia, o que se constata em Balada dos loucos.

A moléstia de Gavita adveio de anemia profunda e foi-lhe prescrita uma alimentação de qualidade nutricional. Trabalhando na Estrada de Ferro, com dois filhos pequenos, como seguir a prescrição médica, como arcar com as despesas? Cruz e Sousa, em cartas aos amigos, desesperado, implora ajuda e pede dinheiro. Neste desconsolo, compõe Inexorável: “Ó meu Amor que já morreste, / Ó meu Amor, que morta estás! / Lá nessa cova a que desceste, / (...) / Ah! Nunca mais florescerás?! (...)”.

Em setembro de 1896, Gavita volta à casa, mas a desnutrição dos membros da família se agrava. Nasce o terceiro filho e Gavita engravida pela quarta vez. Em carta a Nestor Vitor, o bardo menciona a tuberculose que já, violentamente, a acometia e reitera-lhe as súplicas: “Não sei se estará chegando realmente o meu fim; mas hoje pela manhã tive uma síncope tão longa que supus a morte. (...) Mas o pior, meu



Carta de Cruz e Sousa destinada à Gavita, documentada no site da revista Sphera

velho, é que estou numa indigência horrível, sem vintém para remédios, para leite, para nada! Um horror!”. Cruz e Sousa, gravemente tísico, definhava e, por derradeiro, tenta curar-se na cidade mineira de Sítio, atual Antônio Carlos, mas em poucos dias morre.

Em 19 de março de 1898, o fundador do Simbolismo no Brasil, João da Cruz e Sousa, com apenas 36 anos de idade, falece. Seu cadáver volta ao Rio de Janeiro, ainda fora de um esquife – segundo Tasso da Silveira –, mal amarrado, balançando em um vagão vazio, destinado a transporte de animais, sobre esterco e alfafas secas.

E Gavita, após dar à luz ao quarto filho e já ter enterrado os dois primeiros, falece, com 27 anos. Todos tuberculosos e envenenados pela mesma famélica víbora: tragédia, cujo arauto foi, sem metáforas, a miséria. Funesto roteiro? de Sófocles ou de Eurípedes? Não, é do Desterro! Faz-nos visitar o horror de Ugolino, no Inferno de Dante, e o de Laocoonte e filhos, entre serpentes. ■

* Sandra Pimentel é titular da cadeira nº 10, patronímica Cruz e Sousa.



A magia da vida: trajetória literária e artística de Rozelene Furtado

Rozelene Furtado*

Viver é um desafio para qualquer pessoa, independentemente das ferramentas que tenha em mãos. Quanto mais se sabe, mais complexa se torna a prova. A reflexão ganha força na citação: “Não devemos ter medo dos confrontos... Até os planetas se chocam e do caos nascem as estrelas”. Assim, entre parágrafos, pontos, vírgulas e pausas da vida, seguimos em busca do nosso ponto final.

Nascida em Teresópolis, cidade serrana do Rio de Janeiro, Rozelene Furtado é a quinta filha de onze irmãos. Filha de pais autodidatas, capazes e inteligentes, porém sem formação acadêmica, demonstrou desde cedo grande inclinação para o aprendizado. Aos cinco anos, já sabia ler e escrever, disputando com o sol quem se levantava primeiro.

Sua formação como professora teve início no Colégio São Paulo, tradicional instituição da cidade, que oferecia anualmente uma bolsa de estudos ao melhor aluno da escola pública. Rozelene conquistou essa oportunidade, permanecendo até sua formação docente. Posteriormente, graduou-se em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Santa Úrsula.

A trajetória literária começou ainda na infância, aos oito anos, quando teve contato com o poema “Meus oito anos”, de Casemiro de Abreu. Encantada, passou a declamá-lo sempre que possível — mesmo sem plateia, recitava para árvores e pássaros do quintal. Como diz o ditado, não é possível controlar os ventos, mas é possível ajustar as velas.

Rozelene Furtado de Lima construiu uma carreira multifacetada: professora, bibliotecária, escritora, contista, haicaísta, poeta e artista plástica. É coautora em 678 antologias nacionais e internacionais. Ao longo da trajetória, acumulou experiências diversas, incluindo teatro infantil, curso de costura, contação de histórias, atuação em stand de moda na Feirinha de Teresópolis, organização de festivais de poesia, confecção de murais e participação em grupo musical.

Com forte ligação à natureza, dedica-se à Arte Floral Botânica, eternizando flores, folhas, galhos e raízes desidratados em quadros e esculturas. Também estuda plantas medicinais e já recebeu prêmios como artista floral. Para ela, a natureza é pródiga e dadivosa.

Na área profissional, atuou como professora em instituições particulares, estaduais e municipais, além de trabalhar como telefonista na CTB e como bibliotecária no SESC/RJ e em colégios.

Ao longo da carreira, publicou sete livros, com lançamentos realizados em importantes eventos literários, como Bienais do Livro no Rio de Janeiro e em São Paulo, além de participações na Feira de Frankfurt, Feira Pan-Americana do Livro em Manaus (AM), Salone Internazionale del Libro de Torino (Itália), Salão Internacional do Livro de Genebra (Suíça), Feira de Saberes Abrasa em Viena (Áustria), eventos na Embaixada Brasileira em Praga (República Tcheca) e em Roma (Itália), e na Feira Nacional do Livro em Ribeirão Preto.

Sua produção também alcançou projeção internacional, com publicações em países como Portugal, França, Estados Unidos, México, Espanha, Itália, Alemanha, Romênia, Inglaterra, Moçambique, Uruguai, Argentina, Chile, Bolívia, Colômbia e Suíça, além de presença em todos os países lusófonos. Como define a autora, “a literatura tem asas, é só se deixar levar, sem pressa”.

Rozelene possui verbete no Dicionário de Mulheres Escritoras e integra importantes enciclopédias, como “Artistas Contemporâneos Lusófonos – 8 Séculos de Língua Portuguesa” e “Enciclopédia di Grandi Artisti (português/italiano)”. Também está arrolada no Catálogo Brasileiro de Autores Literários Contemporâneos.

A escritora é membro de diversas academias e núcleos de arte, entre eles: AVBL (Academia Virtual Brasileira de Letras), ALTO (Academia de Letras de Teófilo Otoni-MG), ANBA (Academia Niteroiense de Belas Artes, Letras e Ciências), FEBACLA, ALG, ACLAV, ABARS, LALB, LITERARTE, REBRA, ATL, DAFALC, ALB (Seccional Suíça), NLABA (Buenos Aires), CEE (Espanha), ACIMA (Milão), PORTAL CEN (Portugal), PDM (Chile), UHE, N.A.L.A.P., NAISLA, além de reconhecimentos internacionais como membro da London Writers Society e da Académie du Dévouement National, na França.

A reflexão sobre o tempo também marca sua trajetória: “A ideia de tempo é uma convenção do pensamento e da linguagem, um acordo social; na verdade, temos apenas este momento”, como escreveu Goethe.

Ao longo de sua carreira, recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais em literatura e arte. Entre eles estão a Menção e internacionais em literatura e arte.

Entre eles estão a Menção Honrosa no Prêmio Nósside Mundial de Poesia (Itália), o Troféu Diamond of Art and Education (Áustria), o 1º lugar no Concurso Sem Fronteiras pelo Mundo Poesia, participações na Galeria La Pigna em Roma, o Troféu Orgulho Acadêmico em Lisboa, o título de Embaixadora Cultural Brasil & África, o Troféu Imprensa Sem Fronteiras em Veneza, além de reconhecimentos da Universidade Federal da Paraíba, Medalha Florbela Espanca (Portugal), prêmios de excelência literária em Lisboa, distinções do Museu de Luxembourg, entre outros.

Também recebeu destaque em coletâneas, prêmios de literatura nordestina, reconhecimento como haicaísta e contista, além de homenagens como a inclusão de seu nome em placa permanente no Museu Conde de Linhares. Sua produção foi divulgada em revistas de circulação nacional, como a Revista Arte & Estilo, e na Revista Caras, com registro fotográfico no Arco do Triunfo e publicação sobre a antologia *Nous, les Femmes du Brésil*.

Como lembra um provérbio chinês citado pela autora: “Paciência é poder; com tempo e paciência, a folha da amoreira se faz seda”.

Entre suas obras publicadas estão: Banquete de Ideias (memória familiar), No Limiar Sex (poemas), Sementes ao Vento (haicais), A Calcinha da Dirce e outros contos inocentes (contos), Colmeia Real (história familiar), Haicais em Folhas (haicais) e Dindinha Lua (poesia infantil).

Ao final, Rozelene Furtado resume sua trajetória com um reconhecimento pessoal: tudo o que é, fez e ainda pretende ser deve a um anjo que sempre a guiou – sua mãe. ■

* Rozelene Furtado é titular da cadeira no 30, patronímica Olavo Bilac.



O Panteão Literário da Academia Teresopolitana de Letras: uma cartografia da formação intelectual brasileira

Márcio Ferreira*

O panteão de patronos da Academia Teresopolitana de Letras constitui muito mais do que uma simples galeria de nomes ilustres da literatura brasileira. Ele pode ser compreendido como uma verdadeira cartografia da formação intelectual do país. Ao reunir escritores, pensadores, juristas, críticos e homens públicos que atravessaram diferentes momentos da História do Brasil, a ATL construiu um mosaico que representa, de forma simbólica e pedagógica, a própria trajetória da cultura nacional. Nesse sentido, o conjunto dos patronos não apenas homenageia figuras de destaque, mas também revela as linhas de continuidade e transformação que estruturam o pensamento literário brasileiro.

A tradição das academias de letras no Brasil inspira-se no modelo da Academia Brasileira de Letras, fundada no final do século XIX. Assim como na ABL, a escolha dos patronos em academias regionais tende a seguir critérios que buscam representar a amplitude da produção intelectual do país. No caso da ATL, o resultado dessa seleção revela uma síntese notável: o panteão percorre os grandes movimentos literários brasileiros, do romantismo ao modernismo, ao mesmo tempo em que incorpora autores fundamentais do pensamento político e social.

O romantismo brasileiro, que floresceu ao longo do século XIX, ocupa posição central nesse conjunto. Autores como Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves e José de Alencar representam o momento em que a literatura brasileira buscava afirmar

uma identidade própria. Suas obras dialogam diretamente com o processo de construção da nação, seja pela valorização do indígena como símbolo da brasilidade, seja pela elaboração de narrativas que tentavam captar as paisagens humanas e culturais do país. No caso de Castro Alves, o romantismo ganha ainda uma dimensão política decisiva ao se transformar em instrumento de denúncia da escravidão e de defesa da liberdade.

Se o romantismo corresponde ao momento de afirmação da identidade nacional, o realismo e o naturalismo, que emergem na segunda metade do século XIX, introduzem uma perspectiva mais crítica sobre a sociedade brasileira.

Nesse contexto, destaca-se a presença de Machado de Assis, cuja obra inaugura um novo patamar de complexidade psicológica e formal na literatura brasileira. Ao lado dele, nomes como Aluísio Azevedo e Manuel Antônio de Almeida representam a transição entre diferentes estilos narrativos e a consolidação do romance como forma privilegiada de interpretação da vida social. Nesse conjunto, a literatura passa a observar o Brasil com olhar analítico, atento às contradições da modernização e às tensões que atravessam o cotidiano urbano.

Outro núcleo importante do panteão da ATL está associado ao refinamento estético da poesia brasileira no final do século XIX. Os poetas do parnasianismo, como Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raymundo Corrêa, representam uma etapa de rigor formal

e de valorização da linguagem poética enquanto arte. Ao lado deles, o simbolismo encontra expressão na obra de Cruz e Sousa, cuja poesia introduz novas dimensões de musicalidade e subjetividade. Esses autores mostram como a literatura brasileira, ao longo do tempo, foi capaz de dialogar com correntes estéticas internacionais sem perder de vista as especificidades culturais do país.

O panteão da ATL também abriga figuras que ultrapassam os limites estritos da criação literária, mas cuja contribuição para o pensamento brasileiro foi decisiva. É o caso de Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões*, obra que combina literatura, sociologia e reportagem para interpretar um dos episódios mais dramáticos da história nacional. Do mesmo modo, a presença de Joaquim Nabuco e Rui Barbosa evidencia a importância do debate político e jurídico na construção da cultura letrada brasileira. Ambos foram intelectuais que compreenderam a escrita como instrumento de intervenção na vida pública, articulando pensamento, ação política e compromisso com a modernização do país.

Outro aspecto relevante do conjunto de patronos da ATL é a presença de autores ligados ao processo de renovação cultural do século XX. Entre eles destaca-se Monteiro Lobato, cuja contribuição para a literatura infantil e para a difusão da leitura no Brasil foi extraordinária. Lobato representa uma nova etapa da vida literária nacional, marcada pela ampliação do público leitor e pela consolidação do livro como objeto cultural de grande alcance social.

Ao observar o panteão como um todo, torna-se possível perceber que a escolha dos patronos da ATL não se

limita a reunir grandes nomes da literatura brasileira, mas constrói uma narrativa histórica coerente. Cada autor representa um momento específico do desenvolvimento cultural do país, e juntos formam uma espécie de linha do tempo intelectual. Nesse percurso, a literatura aparece como espaço de elaboração simbólica da experiência brasileira, refletindo os dilemas da escravidão, da formação da República, das transformações sociais e das buscas estéticas que marcaram diferentes gerações de escritores.

Desse modo, o panteão da Academia Teresopolitana de Letras pode ser interpretado como um verdadeiro mapa da tradição literária brasileira. Ele articula poesia, romance, ensaio e pensamento político em uma mesma constelação de referências culturais. Mais do que uma homenagem individual a cada patrono, trata-se de uma celebração coletiva da memória intelectual do país. Ao preservar e divulgar esse legado, a ATL reafirma o papel das academias de letras como guardiãs da história literária e como espaços de continuidade da reflexão cultural brasileira.

Em última análise, o panteão da ATL evidencia que a literatura brasileira é fruto de um diálogo permanente entre diferentes épocas, estilos e sensibilidades. Cada patrono representa uma voz singular, mas todas essas vozes se entrelaçam na construção de uma tradição comum. Assim, o conjunto dos patronos da Academia não apenas rememora o passado, mas também inspira as novas gerações de escritores e leitores a reconhecerem, na diversidade da cultura brasileira, uma fonte inesgotável de criação e pensamento.

No século XXI, a manutenção de uma instituição como a Academia Teresopolitana de Letras ganha um

significado ainda mais profundo diante das transformações tecnológicas, culturais e sociais que marcam o mundo contemporâneo. Em uma época marcada pela velocidade da informação, pela fragmentação dos discursos e pela circulação efêmera de conteúdos nas redes digitais, a academia funciona como um espaço de permanência e de reflexão crítica. Ao preservar a memória de autores como Machado de Assis, Castro Alves, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato, a ATL reafirma que a literatura não é apenas um patrimônio do passado, mas um instrumento fundamental para compreender o presente. As questões tratadas por esses autores – desigualdade social, formação nacional, identidade cultural e justiça – continuam ecoando nas discussões contemporâneas, mostrando que a tradição literária brasileira permanece viva e necessária.

Além disso, ao reverenciar esses patronos, a academia estabelece uma ponte entre gerações, permitindo que novos escritores, pesquisadores e leitores reconheçam na literatura um espaço de diálogo contínuo com a história e com a sociedade. As academias de letras cumprem, assim, uma função cultural decisiva: manter acesa a chama da memória literária e estimular a produção intelectual em tempos de mudança. Ao celebrar a obra de figuras como José de Alencar, Cruz e Sousa e Olavo Bilac, a ATL reafirma que o estudo e a valorização da literatura são caminhos para compreender a complexidade do Brasil e para fortalecer o papel da cultura como fundamento da vida democrática. Nesse sentido, preservar e atualizar esse legado não é apenas um gesto de reverência ao passado, mas um compromisso com o futuro da literatura e da reflexão crítica no país.

Referências:

BOSI, Alfredo. História concisa da

literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

MOISÉS, Massaud. A literatura brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 2008.

CUNHA, Euclides da. Os sertões. São Paulo: Ateliê Editorial.

NABUCO, Joaquim. O abolicionismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas. São Paulo: Editora 34, 2000. ■

* Marcio Ferreira é titular da cadeira nº 27, patronímica José do Patrocínio.

Através da janela

Fernanda Goucher*

Em meio ao silêncio que imperava no recinto, com o olhar paralisado, ele observava, através da janela, as pessoas que passavam em frente ao velho casarão. Olhares inquietos eram lançados à casa, conhecida como assombrada.

À noite, as pessoas evitavam passar por ali por causa do medo que sentiam. Mas ele não se importava. Durante o dia, às vezes, para se divertir, fazia caretas para os transeuntes. Até aquele momento, apenas uma vez, uma menina que passava de mãos dadas com a mãe retribuiu a careta, chamando a atenção da mãe, que olhou para a casa sem dar importância. Nunca mais passaram por ali, e ele sabia o porquê.

Logo, aquele casarão seria demolido, assim que saísse o resultado do inventário. Ele teria que aceitar sua morte e seguir o caminho que o aguardava, já que o apego à casa seria desfeito com sua destruição. Enquanto isso não acontecia, ele continuava vagando entre um mundo e outro.

*Fernanda Goucher é titular da cadeira nº 6, patronímica Aloísio Azevedo.



O Naturalismo e Júlia Lopes de Almeida

Paulo Paranhos*

O movimento literário conhecido como Naturalismo defende a exposição do ser humano através de seus instintos naturais, sendo estes responsáveis por seus atos. A literatura naturalista tem caráter reformista, haja vista que seus escritores passaram a analisar o comportamento humano e social, de maneira que eram capazes de apontar saídas e soluções.

Do mesmo tratamento dado às obras do Realismo, também as obras naturalistas são chamadas de romances de tese, pois apresentam um ponto de vista e tentam demonstrá-lo através dos fatos narrados. Em geral, focalizam o lado patológico dos indivíduos ou da sociedade, ou seja, as piores situações sociais, como: traição, atentado ao pudor, exploração sexual etc., enfim, dissecavam as taras humanas, vistas como consequências da hereditariedade, de doenças, vícios, má formação do caráter e das relações sociais.

O Naturalismo conheceu também os chamados romances experimentais, onde seus fatos são usados como experiências científicas e, assim, é apresentada uma conclusão.

Os naturalistas acreditavam que o conhecimento se dá por meio dos sentidos e que a função do escritor é relatar por detalhes o que se observa. Sua teoria de vida era mais pessimista que a dos realistas. No entanto, seguindo o entendimento de muitos críticos literários, o Naturalismo nada mais é do que o Realismo mais cientificismo da segunda metade do século XIX. Assim, encontramos todas as características do Realismo, exceto a análise psicológica das personagens.

Ainda, outros fatores eram condicionantes da personalidade, como a estrutura familiar, o sistema educacional e o elemento cultural. Por isso, os escritores dessa vertente se detinham nos costumes da época, na psicologia e na sexualidade humanas. Como consequência de tudo isso, os romances naturalistas realizam uma profunda análise social a partir da valorização do coletivo, quando se toma como base os grupos humanos marginalizados. Há influência da teoria evolucionista de Charles Darwin, quando se mostra a natureza animalizada do homem, que se deixa levar pelos instintos naturais em detrimento da orientação racional.

Desse modo, podemos afirmar que, no Naturalismo há a análise externa dos indivíduos e da sociedade como um todo, uma vez que os fatores biológicos e sociais são determinantes no pensamento, nas ações e nos sentimentos das personagens. O homem é visto como mero produto da hereditariedade e do ambiente, aproximando-se dos animais quando revelam vícios, taras, patologias.

E aqui destacamos uma das mais festejadas escritoras naturalistas: Júlia Lopes de Almeida, que nasceu em 24 de setembro de 1862, no Rio de Janeiro e, após viajar para Portugal, ali se casou com o escritor português Filinto de Almeida e publicou seu primeiro livro – Traços e iluminuras. No Brasil, escreveu para vários periódicos, atividade incomum para mulheres da época, e foi a única mulher entre os idealizadores da Academia Brasileira de Letras, apesar de ter sido impedida de ocupar uma cadeira nessa instituição.

É bem verdade que Lúcio de Mendonça, em artigo no jornal Estado de S. Paulo, mostrou ser justo oferecer uma cadeira na Academia para a escritora. Todavia, isso não ocorreu, pois, segundo os intelectuais que se opuseram, não havia mulheres na Académie Française de Lettres, que servia de inspiração para a Academia Brasileira.

Em vez da escritora, foi aceito o seu marido, Filinto de Almeida, para ocupar

a cadeira número 3, na Academia Brasileira de Letras, que se manteve exclusivamente masculina até 1977, quando Rachel de Queiroz se tornou a primeira mulher eleita para a Academia. No ano de 2017 a Academia homenageou Júlia Lopes restituindo seu nome como cofundadora da instituição. ■

*Paulo Paranhos é titular da cadeira nº 34, patronímica Padre Antônio Vieira.



A gente não quer só comida

Carol Rocha*

No último dia 23 de abril foi comemorado o dia mundial do livro. E é impossível celebrar a data sem enaltecer os impactos da leitura na construção do pensamento crítico e na ampliação de horizontes.

Mais do que registrar momentos históricos, os livros nos permitem alcançar realidades paralelas onde, muitas vezes, não há fome, incertezas financeiras nem empecilhos para alcançarmos os nossos sonhos.

E, sempre que percorro as ruas da favela, fico me perguntando: e se ao invés de pistolas, os jovens das comunidades fossem incentivados a “se armar” de livros? E se o nosso foco estivesse direcionado não apenas ao combate à marginalidade, mas na prevenção, na busca e incentivo dos talentos?

E se a classe baixa fosse estimulada a romper os limites e a acreditar no próprio potencial? E se o pobre fosse visto como parte desse mundo louco e não como algo insignificante que a gente quer calar ou repelir?



Como seria se, um dia, a favela fosse capa de jornal por uma boa notícia? Os exemplares seriam vendidos ou ignorados?

Talvez a grande mudança tenha início aí: no que escolhemos enxergar, valorizar e incentivar.

Porque “a gente não quer só comida... A gente quer comida, diversão e arte! A gente não quer só comida... a gente quer saída para qualquer parte”!

*Carol Rocha é titular da cadeira nº 37, patronímica Raimundo Correia.

Hotel Debret

Flávio Telles*

Uma beleza harmônica e perfeita, digna de deuses, fez-me congelar no farol do cruzamento da Avenida Nossa Senhora de Copacabana com a Rua Figueiredo de Magalhães. Meus olhos seguiam, sem piscar, aquele molejo de ondas do mar – um pouco de samba e clássico no mesmo andar. Saltos firmes, oito ou quinze, sem oscilar. Aquela suavidade rítmica num "tubinho" preto fazia-me suspirar. O coque loiro, alto, completava a elegância, expondo seu colo pálido.

De repente, um buzinaço despertou-me do transe e apressei-me para liberar o trânsito. Dobrei a esquina da Figueiredo em direção ao Posto 5, procurando aflito a diva perdida pela Avenida Atlântica. De longe, percebi seu vulto adentrando o Hotel Debret. Os ponteiros do meu relógio caminhavam a passos céleres, anunciando o fim da tarde. Estacionei na única vaga disponível, onde um flanelinha parecia me aguardar com certa cumplicidade. Corri ao saguão dos elevadores na esperança de conseguir um lugar no famoso "Chá das Cinco" do salão nobre. Meu palpite era o de que encontraria minha dama de preto lá.

Não deu outra! E, por um milagre, ela estava só em uma mesa para dois. Meu coração disparou... Aproximei-me com cautela e perguntei:

– A senhorita espera por alguém?

– Não – respondeu ela, friamente.

– Posso lhe fazer companhia para o chá?

Antes que o sol se pusesse, estávamos tomando chá preto com crumble de maçã. A moça perguntou, curiosa, se eu estava hospedado no hotel. Optei pela sinceridade e disse que a acompanhava de longe desde a Figueiredo de Magalhães, mas omiti meu real interesse: suas formas, seu andar, enfim, seu sex appeal! Em vez disso, preferi ser evasivo:

– Você me pareceu uma pessoa muito segura de si, não?

A mulher deu uma risada que me desconcertou inteiro!

– Não se encabule, você acertou em cheio! Atirou no que viu e acertou no que não viu. Para encurtar nossa conversa: chamo-me Lauren Lee e sou uma mulher trans...

Ansioso, mas aliviado, não deixei que ela terminasse a apresentação e antecipei-me:

– Sou um homem trans. Chamo-me Darci Switch.

Tudo aconteceu tão de repente... Foi amor à primeira vista! Hoje, Lauren é uma pessoa que gesta. Feliz com Darci, o casal planeja ter muitos filhos. O bacana é que tudo muda, inclusive a mão da Figueiredo e o nome do hotel, que não é mais Debret – agora é o Socialtel Copacabana.

*Flávio Telles é titular da cadeira nº 20, patronímica João Ribeiro.

A arte da palavra
enleva-nos: distrai
com suas luzes
lupas lúdicas
ímpetos ímpares

Nas asas dos sentidos
a arte leva-nos
e traz
a Hades e Olimpos
nos diz
(traí?)

Poema de Graça Lopes, titular da cadeira nº 18,
patronímica Graciliano Ramos

Palestra no Colégio Estadual Higino da Silveira



Aconteceu, no dia 5 de março de 2026, em comemoração ao Centenário do Colégio Estadual Higino da Silveira, a convite da atual Diretora Adriana Coutinho e da Professora de História Margareth Rosa Lopes, uma palestra proferida pela Professora Doutora Norma de Siqueira Freitas que, na ocasião, discorreu sobre o valor dos estudos e aquisição de conhecimentos na construção de um futuro promissor.

A palestrante destacou a qualidade de ensino dessa escola centenária que a recebeu amistosamente em seu primeiro emprego como professora estadual. Falou sobre a satisfação de retornar, após décadas, à instituição que sobremaneira a ajudou a forjar a feição de educadora competente e responsável.

A palestra em questão, proferida às turmas do Ensino Médio, dividiu-se em dois momentos: 1- a valorização de um colégio secular a primar todo o tempo por um ensino de qualidade, formando alunos críticos e éticos, conscientes de que o estudo é valor capaz de transformar sonhos em realidade; 2- a experiência pessoal da palestrante em relação à trajetória e ao crescimento intelectual, como consequência da dedicação aos estudos desde sempre.

É sabido que para as classes menos

favorecidas o conhecimento, adquirido nos bancos escolares, pode mudar caminhos e destinos. Ele representa um bem: matéria-prima e capital intelectual. E o Colégio Estadual Higino da Silveira sempre dispôs, ao longo de seus cem anos, de mecanismos e instrumentos capazes de fornecer bases sólidas para seu público escolar, a saber, um ambiente bem cuidado, limpo e confortável: uma escola bonita e florida, isto é, humanizada; e, sobretudo, uma equipe educacional de primeira linha.

Colégio de indiscutível organização, contando com professores altamente comprometidos com as demandas atuais e plenamente envolvidos com o processo ensino-aprendizagem. Nesse particular, a oradora incentivou os alunos ao estudo com afinco e à valorização do corpo docente, aproveitando a oportunidade de contar com um plantel de competentes educadores.

Em relação ao segundo momento da palestra, Norma de Siqueira Freitas expôs sua formação acadêmica, ressaltando ser esse seu capital maior. Vinda das classes populares, tendo sido aluna de instituições públicas, ponderou que tal formação se configura como consequência de uma vida de dedicação, na busca de capacitação

NOTÍCIAS

profissional humanizada. Finalizando, a palestrante explanou sobre sua atividade de escritora, apresentando algumas de suas obras, esmiuçando o tema, expondo o conteúdo de cada uma delas.

Obras para o público infantil e juvenil: “Um camundongo em férias” (2023); a trilogia “Ecos da Floresta: uma adaptação das mais belas lendas indígenas das Américas” (2023, 2024, 2025); “No Baú de EmiliAna”(2025). E as obras para jovens e adultos: “Peripécias de Marta na cozinha e outras histórias” (crônicas, 2022); “O Cinema em Teresópolis: da Belle Époque aos Anos Dourados” (2014); “A ostra, o tempo e a poesia” (2014); “Begônias na lapela, uma reflexão sobre discriminação social e racial no



Brasil” (2014).

A seguir, foram feitos os agradecimentos finais: à Diretora Adriana, à Professora Margareth e aos alunos que assistiram a tudo com atenção, amabilidade e interesse.

Lar Tia Anastácia recebe atividade cultural

No dia 19 de março de 2026, o acadêmico Ozair Furtado, membro da Academia Teresopolitana de Letras e do Elos Clube de Teresópolis, levou a magia da literatura infantil ao Lar Tia Anastácia, um centro de atenção e serviços à criança e à família, em uma iniciativa especial que coincidiu com o mês em que se celebra o Dia do Circo.

O escritor realizou uma animada sessão de contação de histórias, apresentando seu livro "O Super Xampu e a Batalha no Cabelo Limpo", uma aventura divertida que cativou os pequeninos presentes. Com truques mágicos e muita interação, transformou o encontro em um momento de pura alegria, despertando risos, olhares curiosos e entusiasmo entre as crianças.

As crianças participaram ativamente, encantadas com as narrativas e os elementos surpreendentes que o autor trouxe, mostrando como a literatura pode unir gerações e espalhar encanto, mesmo em ambientes institucionais.



A ação reforça o compromisso de Ozair Furtado com a promoção da leitura infantil e o valor cultural da contação de histórias, aproximando os pequenos leitores de universos imaginários cheios de aventura e fantasia.

Lar Tia Anastácia

O Lar Tia Anastácia é uma Organização Não Governamental sem fins lucrativos, localizada no Rosário, em Teresópolis, dedicada ao desenvolvimento social e educacional de crianças e jovens.

Faça parte dessa rede de apoio:
@lartiaanastacia.

ACADEMIA TERESOPOLITANA DE LETRAS

A Academia Teresopolitana de Letras, criada em 21 de abril de 1961 e tendo como patrono cívico Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, nasceu com a missão de fortalecer a vida cultural da cidade. Desde sua fundação, reúne escritores, poetas, jornalistas e professores em torno do propósito comum de incentivar a produção intelectual e ampliar o alcance da literatura.

Quadro Social

1 Índio Brasileiro Rocha

Patrono: Alberto Torres

2 Isis Muller Salgado Serra

Patrono: Augusto dos Anjos

3 José Luís Simões Coelho

Patrono: Alberto de Oliveira

4 Daniel Hernandez

Patrono: Manoel Bandeira

5 Jeniffer Cereja Ferran

Patrono: Antônio Sales

6 Fernanda Goucher

Patrono: Aloísio Azevedo

7 Renata de Castro Melo

Patrono: Belmiro Braga

8 Delmo Geraldo Ferreira

Patrono: Coelho Neto

9 Antonio Carlos Sequeira Fernandes

Patrono: Castro Alves

10 Sandra Pimentel

Patrono: Cruz e Souza

11 Miguel Furtado Freire da Silva

Patrono: Manuel Antônio de Almeida

12 Luiza Brault

Patrono: Casimiro de Abreu

13 Waldair Queiroz da Graça

Patrono: Clóvis Beviláqua

14 Nicolas Theodoridis

Patrono: Graça Aranha

15 Marcelo A. Torres Pellegrino

Patrono: Evaristo de Moraes

16 Gabriel César Dias Lopes

Patrono: Euclides da Cunha

17 Moema Tavares

Patrono: Gonçalves Dias

18 Graça Lopes

Patrono: Graciliano Ramos

19 Norma de Siqueira Freitas

Patrono: Humberto de Campos

20 Flávio Salgueiro Passos Telles

Patrono: João Ribeiro

21 Andrea Viviana Taubman

Patrono: Quintino Bocaiúva

22 Nélio Paes de Barros

Patrono: Agripino Grieco

23 Maria Helena da Fonseca Costa

Patrono: José Lins do Rego

24 Jorge Nascimento Ferradeira

Patrono: Joaquim Nabuco

25 Israel Sartini de Carvalho

Patrono: José de Alencar

26 Paulo José Lopes

Patrono: João Francisco Lisboa

27 Márcio Ferreira

Patrono: José do Patrocínio

28 Edinar Claussen Corradini

Patrono: Monteiro Lobato

29 Ana Maria de Andrade

Patrono: Machado de Assis

30 Rozelene Furtado de Lima

Patrono: Olavo Bilac

31 Wanderley Peres Jacintho

Patrono: Olegário Mariano

32 Gustavo Lucena de Melo

Patrono: Otávio Mangabeira

33 Claudia Coelho de Meneses

Patrono: Paula Ney

34 Paulo Roberto Paranhos da Silva

Patrono: Padre Antônio Vieira

35 Ozair Furtado de Oliveira

Patrono: Cônego Tomaz de Aquino de Menezes

36 Mariana Moreira Mouta

Patrono: Raul de Leoni

37 Carol Rocha

Patrono: Raimundo Correia

38 Ronaldo Torres M. Fialho

Patrono: Sílvio Romero

39 Jackson Ribeiro Falcão

Patrono: Ruy Barbosa

40 Ruyz Athayde Alcântara de Carvalho

Patrono: Tobias Barreto